

DEBATE: FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.

Professores participantes: José Guilmar Mariz de Oliveira

Vera Lúcia Menezes

Wagner Wey Moreira

Platéia: Quais os princípios que vocês consideram os mais relevantes para orientar o processo de preparação profissional? Quais teriam as influências mais importantes, mais diretas sobre a atuação profissional?

Prof. Guilmar: Acredito que a Profa. Vera já colocou alguma coisa do que seria o essencial. O entendimento desta preparação profissional, acontecendo a nível de Universidade. A nível de discussão, de entendimento, análise e até previsão daquilo que é específico dessa profissão, dessa atuação profissional. Então, é a questão de se tratar isto do ponto de vista acadêmico. Por outro lado, falamos aqui de professor; um outro lado mais relevante é que centremos as nossas discussões, os nossos temas, nessa preparação profissional.

Platéia: A Universidade deve adaptar-se ao mercado de trabalho ou o mercado de trabalho deve adaptar-se à Universidade?

Prof. Guilmar: Diria que nem um nem outro. Diria que a Universidade deve tentar responder às questões que se apresentam na sociedade. Se ela for depender de atender o mercado de trabalho do ponto de vista profissional, foge da essência da sua missão. A missão da Universidade não é preparar recurso humano essencialmente profissional. Perdemos também essa visão da Universidade em termos de Brasil. Digo claramente isso, quando nós, com o nosso atual Ministro da Justiça, fizemos uma abertura das portas da Universidade para o ensino superior profissionalizante. Acredito que não seja esta a missão mais importante da Universidade.

Prof. Wagner: Diria que esta questão inicial só teria razão de ser a partir do momento em que temos relações e entendimento de uma sociedade dentro de uma pesquisa dicotômica e não dentro de uma perspectiva dialética. A partir do momento que se entende que é função da Universidade a produção, a construção e a divulgação de conhecimento, evidentemente que vai ter que, de uma certa forma, trabalhar comprometida com esta sociedade. Então não existe uma relação dicotômica, existe uma relação dialética; e a função específica da Universidade é a produção desse conhecimento que visa ao seu detalhamento de ensino, pesquisa e extensão. Automaticamente, nós vemos novamente a ação dialética estabelecida e não a relação dicotômica.

Profa. Vera: O mercado tem as próprias leis que são as da oferta e da procura. Este não é o caso da Universidade. Obviamente, um mercado de trabalho estável daria uma Universidade um pouco menos dinâmica. Mas acho que é fantasia. A Universidade tem uma missão de acompanhamento da sociedade, e esse acompanhamento vai se dar por via, principalmente, da extensão universitária que, plagiando já algumas pessoas, é tida como uma filha bastarda, um negócio menor, uma coisa pouco valorizada. Esse acompanhamento das necessidades sociais há de ir por essa janela de acompanhamento, que seria a própria extensão sendo essa informação de mercado que viria intervir também, como colocou o Prof. Wagner, dentro da Universidade. Mas não seria e não poderá ser nunca o determinante da ação da Universidade. Quer dizer, ela existe, enquanto pensadora da sociedade; por isso ela vai discutir os problemas, criticar o conhecimento existente, relacioná-lo e transmiti-lo sem ficar atrelada a uma determinada instituição. Se nós considerarmos o mercado dessa forma, ela não é uma produtora de profissionais, mas, se as próprias empresas assim decidirem elas também fazem a sua própria produção. Conseqüentemente, a Universidade tem uma missão maior, relacionada com o homem, com a Humanidade, com o futuro.

Platéia: Nesse momento de transição, de formação de novas grades curriculares, as Faculdades devem privilegiar a formação profissional ou a área de formação acadêmica?

Profa. Vera: No meu entender, ela tem de compatibilizar e harmonizar as duas. Tenho de formar um profissional de modo acadêmico, de modo reflexivo, de modo a ser capaz de, diante da sua realidade, da sua relação com seu aluno, no que ele mostra através do seu corpo, através do jogo, e possa então problematizar e ser capaz de realizar investigações e retomar aquele problema real de sua ação na escola. É uma questão de harmonizar as duas coisas, não é uma questão de formar um acadêmico

exclusivo, nem um profissional sem nenhum academicismo.

Prof. Wagner: A investigação acadêmica qualifica a formação profissional de tal forma, que a formação profissional e a ação deste profissional formado, o retorno disto, o feedback, qualifica a questão da investigação acadêmica, por conseguinte não é a questão de privilegiar uma ou outra, é questão de tentar desenvolver estas duas coisas.

Platéia: Qual seria o maior responsável pelas transformações necessárias na formação do professor ou profissional da Educação Física, a pesquisa ou o ensino?

Prof. Guilmar: Não entendo como dissociar as duas coisas. Não entendo que possa haver um bom ensino de graduação sem pesquisa. Fazer pesquisa na escola não, pois acredito que o professor nem tenha espaço ou local para isto, mas, se ele tiver condições, ele vai fazer, ou pelo menos vai começar a entender, ou vai ter condições de digerir o que é colocado à sua disposição em termos de pesquisas realizadas. Não vejo dissociação das duas coisas. A idéia é que um bom ensino de graduação acontece em função da pesquisa e, na sua ação profissional, o professor vai atuar talvez pela forma como é feito no ensino de primeiro e segundo graus hoje: o professor nem tem tempo para a pesquisa. Por outro lado, vai estar capacitado para fazer, ou entender, ou digerir aquilo que é colocado à sua disposição em questão de leitura e trabalhos realizados.

Platéia: Senhores professores Guilmar e Wagner, vocês usaram a palavra esporte de forma antagônica. Professor Guilmar, o que você pensa sobre a análise feita pelo professor Wagner a respeito de se utilizar o conteúdo do Esporte no currículo da Educação Física Escolar? Professor Wagner, o que você pensa sobre a análise feita pelo professor José Guilmar a respeito da separação do profissional de Educação Física e o profissional do Esporte?

Prof. Guilmar: Vejo que é uma questão de entendimento não tão complicada. Pode ser até uma questão semântica. O Wagner colocou, "quero ver alguém tratar o Esporte na aula de Educação Física". Eu não diria assim. Diria que queria ver, como coloquei ontem na Conferência Inaugural, tendo um momento onde este conteúdo do que significa o jogo de futebol, em termos de minha opção em praticá-lo, não na forma de Esporte e nisto está a grande diferença. Entendo que essa atividade dentro de uma aula de Educação Física, não deve ser considerada como Esporte. A questão é puramente semântica e conceitual. Considero isto sim, como uma atividade motora, com algumas especificações, com certas características de determinada modalidade esportiva. Não entendo que todo jogo seja Esporte; vejo que já existe uma transformação clara, uma seqüência clara do jogo para o Esporte. Aquilo que ocorre na escola em nome de chutar a bola entre duas traves ou jogar a bola por sobre uma rede, não estou considerando como Esporte e sim como uma atividade motora com características da modalidade esportiva futebol e voleibol, e que as crianças na escola devem entender alguma coisa sobre aquilo; ou até muita coisa. Mas não que o Esporte passe a ser um componente específico da Educação Física.

Prof. Wagner: Estamos usando aqui o termo Esporte, inclusive em função da própria transparência aqui colocada. No que diz respeito ao que se mostra que este jogo deveria ser praticado, vivenciado na escola, ele o é, através do senso comum, Esporte, porque ele segue exatamente as regras estabelecidas, ele segue exatamente os princípios gerais que norteiam a atividade esportiva. Talvez, por isso, essa relação seja do entendimento.

Prof. Guilmar: Vejo aqui como sendo o Esporte uma instituição diferenciada da Educação Física. Dentro dessa idéia da discussão de Educação Física, quero discutir sim, até que alguém tenha a opção clara que possa colocar em prática o seu potencial motor e quero participar de uma manifestação de Esporte. Da mesma forma, vejo aqui a Dança como uma outra manifestação e ninguém nega que um bom professor de Educação Física deverá saber discutir as implicações da Dança do ponto de vista da motricidade humana e o quanto o dançar pode ser benéfico para a consecução da minha visão de Educação Física. Não nego isso. Vejo somente que a instituição Dança não é sinônimo de Educação Física e nem a instituição Esporte é sinônimo de Educação Física, mas posso, com grande habilidade, e aí o maior problema, o maior desafio, determinar de que forma usar a atividade com tipificação de Dança ou Esporte, dentro da aula de Educação Física.

Platéia: Considerando a Educação Física como uma educação para o movimento, caberia, em algum momento da vida escolar do educando de primeiro e segundo graus informações sobre movimentos culturalmente determinados por exemplo, Esporte, Dança etc.. (aspectos sociais, econômicos, biológicos e políticos)?

Profa. Vera: Acho que todos esses movimentos que fazemos já estão culturalmente determinados. Não temos mais nem a respiração natural, tudo já está culturalmente determinado. A própria corrida. Dentro de uma aula de Educação Física acredito que sim, se as coisas forem contextualizadas.

Prof. Wagner: Estou tendendo a achar que a Educação Física transcende a questão da educação para o movimento. A Educação Física está ligada efetivamente à questão da motricidade e não do movimento. E nessa motricidade é entendida a intencionalidade do movimento, portando, se direcionarmos a ação desse profissional de Educação Física dentro desta perspectiva, se direcionarmos o entendimento para o ser que se move, então, não teremos uma Educação Física para o movimento e sim uma Educação Física que trabalha com o ser em movimento. Dentro desta perspectiva, por conseguinte, eu diria que as questões culturais estão implicadas dentro desta perspectiva.

Prof. Guilmar: Estou vendo que, em alguns momentos das nossas discussões, estamos entrando em outro campo que é de conteúdo, ou seja qual é a definição de Educação Física, e minha preocupação seria mais no sentido de discutir a preparação profissional em Educação Física.

Platéia: A qualificação do profissional de Educação Física está voltada ao mercado mecanicista e principalmente capitalista, esquecendo o objetivo fundamental da formação educacional. O profissional da Educação Física é um educador, um ser manipulador ou manipulado?

Prof. Guilmar: Na minha percepção da discussão de busca de resposta para a preparação de um profissional de Educação Física, e na minha visão sobre a forma de participação deste professor, tenho de empenhar todos meus esforços para que ele saia daqui atuando como professor e com estas questões bem claras. Não posso entender que estou pondo meus esforços aqui para que quem saia daqui como professor não seja educador. Ora, se assim for, fechemos esta Universidade e vamos embora! Ser educador significa ter tudo isso claro, ele poder ser manipulado e poder manipular. Se preparo um bom professor, ele pensa nestas respostas. E por opção dele, talvez em função da própria ideologia, do próprio momento político, encare e entenda este manipulado ou manipulador conscientemente, sabendo sobre esses papéis e como eles acontecem. Minha atuação nesta Escola de Educação Física é assim, para que o licenciado saia professor, sabendo como lidar com estas coisas.

Profa. Vera: Temos educadores autênticos e educadores farsantes, existem manipuladores autênticos e manipuladores farsantes que se fazem passar por educadores autênticos. Temos todas as combinações possíveis na sociedade e ainda temos os manipulados, conscientemente manipulados. O importante é que se veja com quem está complementando. Qual é o compromisso dele, se é realmente com alguém que decide sua própria vida, é autônomo ou ele está se comprometendo com o outro lado, com os opressores; ele está querendo realmente formar uns modelinhos, umas pessoas modeladas. É por isso que, quando coloquei na minha fala que não vamos conseguir mais ter modelos de formação, teremos projetos, teremos de compreender a formação profissional como um eterno vir a ser. Obviamente, sem deixar de discutir problemas concretos da realidade e nem abandonando conhecimentos anteriores já adquiridos.

Prof. Wagner: Lembro, no caso, a letra de uma música popular que diz "o que dá para rir dá para chorar, depende da hora e do lugar". Estas questões estão por aí.

Profa. Vera: Não vejo mal algum em uma pessoa trabalhar em uma academia e ganhar dinheiro. Acho que mesmo ali ela pode ter uma relação tal que lhe favoreça fornecer informações para que as pessoas fiquem com mais discernimento. Pode ter um compromisso social emancipador, mesmo na academia. Há educadores que não têm este compromisso com a emancipação do sujeito.

Platéia: O aluno graduado na USP, UNICAMP e outras afins sairá preparado para argumentar a favor da concepção de Educação Física abordada neste seminário contra os formados em outras cem instituições que preparam profissionais da área?

Prof. Wagner: Temos uma pretensão de que as argumentações aqui colocadas passem por discussões e análise crítica dos alunos das Universidades que representamos. A possibilidade disto vir a ser problema, vir a ser discussão a ser levantada nessas outras faculdades de Educação Física acho que extrapola, neste momento, a possibilidade de darmos uma resposta. É claro que estamos hoje preocupados com isto, temos uma responsabilidade, quer com os professores das Universidades, quer com os professores que estão aqui presentes e que não fazem parte da Universidade. Temos responsabilidade de fazer com que outros profissionais tenham esta preocupação, mas garantir isso acho que não é possível.

Prof. Guilmar: Não se tem como fugir dessa evolução; evolução desta própria área de conhecimento e tendo como pano de fundo o que acontece, por exemplo, com nosso País, com nosso Estado. Vivo a Universidade, é a minha profissão; é a minha responsabilidade com a sociedade e ainda mais com a escola pública, pedindo-me a preparação destes profissionais. E penso ser eficiente, procuro ser eficaz nessa minha posição. Acredito que vários colegas fazem o mesmo. Se até agora, a sociedade para a qual prestamos serviço não está muito preocupada com isso, se cada um compra qualquer serviço, aí está a minha preocupação; aí resgato a necessidade da minha atuação com o licenciado e futuro professor na expectativa de que em um momento, isso seja revertido. Mas essa é uma questão de muitos colegas trabalhando ao mesmo tempo. Agora, se outras Unidades, se outras Universidades nem pensam nisso, nem pensam como Universidades, não estou preocupado e nem espero que isto aconteça de forma homogênea. Entendo isso como evolução. Há pouco tempo tínhamos a USP pensando nisso, talvez por influência do programa de mestrado. Agora, temos também a UNICAMP, porque também tem mestrado. Existe a Gama Filho com mestrado, a USP com doutorado. É uma evolução lenta. Trabalhei em uma Faculdade de Educação Física particular e nunca pensamos nisto. Nossa idéia era ter carga horária, dar aula e ponto final. Essa concepção de Educação Física sendo discutida neste seminário, infelizmente só agora com a devida ênfase, é a evolução do que está acontecendo. Estou preocupado com a sociedade que em algum momento possa falar: espere um pouco, que Universidade é esta? Isso não vai acontecer tão já. Coloquei outro dia em uma mesa redonda que estou aqui na Universidade e, se eu não for responsável, quem é que vai controlar isto? Tenho 20 horas de pesquisa por semana. Quem é que vai avaliar a minha pesquisa? Se fiz pesquisa durante 20 horas por semana em um mês, em um ano, em quinze anos, deveria ter produzido inúmeras pesquisas. Será que a sociedade está pronta para questionar sobre isso? Tenho empenhado meus esforços para que, com a atuação desse profissional, do professor de Educação Física, ele passe isso para a frente e que alguém questione isso. Se a sociedade quer pagar a alguém um serviço na academia, vejo isso com pesar, porque a nossa própria Educação Física durante 11 anos de escolarização, não foi capaz de sensibilizar alguém para "eu sou capaz de fazer isso sozinho, eu não preciso ir para a academia". Não estou preocupado, no momento, com outras Faculdades; estou preocupado com o que posso fazer agora e, é, talvez, trabalhar conscientemente com 100 alunos desta Escola de Educação Física.

Profa. Vera: Chamou-me a atenção o que diz respeito a "contra os formados". Não estamos em uma corrida, uma competição. Essa concepção que está na sociedade de competição individualista dos que estão sendo formados aqui contra os que estão sendo formados em outra concepção. A minha visão é acompanhar a idéia da responsabilidade, de estimular as pessoas a caminharem, junto comigo, com clareza e que, lá na ação delas, sejam capazes de influenciar este meio e levantar novas discussões. A idéia "do contra", para mim, não faz muito sentido em uma formação. Só faz sentido se, junto com os outros formandos, com formações idênticas ou não, sejamos capazes de juntar estes comentários e refletir sobre a realidade do seu aluno, do seu aluno de pé descalço, do seu aluno que porta deficiência e está junto com outros na sua aula, um aluno com dificuldades de nutrição, o seu aluno que é incapaz de criar um novo tipo de movimento ou incapaz de apresentar uma nova idéia, seu aluno que só consome os programas de televisão. Estou preocupada com alguém que seja capaz de conviver com os comentários e reconstruir algo relevante.

Platéia: Se a Universidade não deve ter a preocupação ou que ela não tem a ver com o mercado de trabalho, por que ela habilita profissionais veterinários, dentistas e engenheiros?

Prof. Guilmar: Talvez eu tenha aqui um problema em minha fala, cujo teor possa estar tendo um outro entendimento. Não percebi que possa ter dito aqui que não há nada a ver entre a preparação acadêmica-profissional e o mercado de trabalho. Essa não foi minha posição. Coloquei que a preocupação principal da Universidade não é com o mercado de trabalho. Não que isso não tenha nada a ver com o mercado de trabalho; é uma relação que não é a essencial ou a principal. Chamo atenção para o seguinte: tenho tentado resgatar nesta Unidade Universitária, o real sentido da Universidade, mesmo, como foi colocado aqui, estando a mesma atualmente atendendo a um mercado capitalista, a uma sociedade capitalista. Hoje, no sentido de resgatar realmente esta missão da Universidade, trago um exemplo que mostra que essa preocupação é concreta: o médico, o veterinário, o engenheiro também são técnicos. É a cirurgia muito bem feita, é o prédio muito bem edificado, mas se perde a noção do porquê de tudo isso. Ortega y Gasset mencionou uma vez o seguinte: "a função principal da Universidade é formar um intelectual e não um profissional. O indivíduo tem a visão global da sociedade e não específica de uma profissão". Senti isso na semana passada quando o Diretor da Faculdade de Direito veio a público colocando uma questão pertinente: lembrava que a Faculdade de Direito do Largo São Francisco já preparou 10 Presidentes da República, e que, infelizmente, a Faculdade de Direito oferece uma preparação profissional meramente técnica e o formando conhece e interpreta as leis, mas perdeu a visão do todo da sociedade. Lembrou a existência do advogado de porta de cadeia em quarta-feira de cinzas, ou aquele que trabalha com causas grandes ou pequenas, eminentemente técnicas. Então, agora, propõe-se a formar outro advogado preocupado com uma visão da sociedade, com os problemas humanos. Perdemos esta visão de Universidade. A idéia de se formar assim também engenheiro, médico, e veterinário é porque o momento nosso pede soluções imediatistas. Muitas vezes, as disciplinas que levam a uma reflexão filosófica, que levam ao questionamento, que levam à discussão mais ampla, não têm validade. Tem validade aquela relacionada com o ensinar alguém a jogar voleibol, basquetebol para atuar amanhã em determinado lugar. Essa não é a função da Universidade e, por isso, não deve ser a preocupação com mercado de trabalho a sua essência. E assim também vamos continuar a formar engenheiros, veterinários e outros profissionais em razão de termos abandonado o ideal da Universidade, o qual tento resgatar também.

Platéia: Como melhorar a Educação Física se observamos a entrada nos cursos de mestrado de pessoas com o mínimo envolvimento com o ensino de 3o. grau?

Prof. Wagner: Conheço pessoas tremendamente competentes para desenvolver toda a característica que o ensino de mestrado necessita, desde a reflexão até a participação em pesquisas, e que nunca estiveram envolvidas com o terceiro grau. Não acho que estar envolvido com o terceiro grau seja a condição para que se possa participar de um bom projeto de pesquisa, que se possa participar de um bom desenvolvimento de ensino.

Platéia: Como está sendo feito o planejamento das disciplinas ministradas na Faculdade de Educação Física em relação à Faculdade de Educação da Universidade?

Prof. Wagner: Na realidade existem dois momentos de articulação e planejamento destas disciplinas. Conseguimos para duas disciplinas, Didática e Prática de Ensino, fazer com que, no concurso que escolheu o profissional para estas disciplinas na Faculdade de Educação, estivessem presentes dois profissionais da Educação Física. Isto aconteceu na gênese do processo e faz com que este profissional que está atuando na Faculdade de Educação, tenha uma articulação estreita com a Faculdade de Educação Física. O mesmo não acontece com outras disciplinas, as quais não temos acesso a não ser saber em que horário elas serão oferecidas prioritariamente. Existem disciplinas que são oferecidas no curso de graduação na Educação Física, que são de responsabilidade da Faculdade de Educação, que vamos lá simplesmente para saber em que horário o professor vai colocar a disciplina. Foram, várias vezes, tentadas discussões de várias disciplinas em função do planejamento integrado, mas em algumas delas nunca conseguimos o pretendido.

Platéia: Qual o radical comum que possibilita à FEC e à UNICAMP oferecerem, após dois anos de curso básico, o bacharelado em treinamento esportivo, o bacharelado em lazer e recreação e a licenciatura em Educação Física?

Prof. Wagner: O radical comum é aquele que tenta possibilitar, nestes quatro semestres, a visão do que seja efetivamente esta Educação Física, do que seja este ser que se move e do que seja objeto de estudo desta Educação Física. Nessa concepção, depois, o aluno é levado a optar por um dos bacharelados ou pela licenciatura. Este radical comum é também oferecido a nível de um número de disciplinas que chamei aqui, por falta de um melhor termo, de básico de quatro semestres. Ele tem como objetivo principal mostrar qual a relação desta possível ciência da Educação Física dentro desta sociedade em que vivemos e dentro da formação deste profissional. Acabamos de reformular as questões curriculares e já necessitamos fazer novas alterações.

Platéia: O corpo docente das instituições de ensino está preparado adequadamente para transferir aos universitários as mudanças de um novo pensar na Educação Física? Qual a relação das Universidades USP, UNICAMP e UNESP com outras Universidades do país? São trocadas informações? Qual a situação nas muitas Faculdades particulares?

Prof. Wagner: Parte disto a Profa. Vera já comentou e dependendo da nossa responsabilidade, como diz o Prof. Guilmar, tentamos atuar em relação à licenciatura. Aqui na pergunta subentende-se: é possível reciclar todos os professores que estão aí? No nosso curso de licenciatura, na nossa ação na Faculdade de Educação Física na UNICAMP, temos absoluta certeza de que não é possível reciclar todos os professores. Entretanto, temos oferecido, há três anos seguidos, um curso de especialização em Educação Física Escolar onde todas as preocupações são discutidas e o critério para entrada neste curso não é titulação - o principal critério é estar no mínimo dois anos trabalhando na Educação Física Escolar.

Platéia: Professora Vera, um dos maiores combates nas escolas de primeiro grau é a professora deixar de ser tia para ser profissional, deixar de ter permissão para ter profissão, ser profissional competente e não "tapa buraco". Você, entretanto, refere-se a missão da Universidade. Missionário não precisa ganhar dignamente, aliás não ganha, vive de doações. Como ficamos então com a nossa luta pela valorização profissional e também pela questão salarial?

Profa. Vera: A idéia era de papel da Universidade; acho que numa Universidade, o professor universitário precisa partir de uma postura crítica e ética, e ele precisa organizar-se e ser valorizado profissionalmente, inclusive com as questões salariais. Investimos na nossa própria formação o nosso próprio salário; tiramos da nossa sobrevivência um investimento para nossa qualificação. Todas as pessoas que têm trabalho digno, têm direito de receber bem. A questão da Universidade, entendo-a no seu papel de produtora de conhecimento, de produtora de pessoal para atuar na sociedade, que reflita. Precisa estar vinculada ao dinamismo da sociedade e isso ela não tem feito. Diríamos que a sociedade investe mas ela nem sequer avalia a relevância desse conhecimento que a Universidade presta. A minha idéia e meu ideal é integração do ensino, pesquisa, e extensão, isto diante de uma postura ética democrática.

Platéia: Como está sendo tratada a Educação Física dentro do currículo das Faculdades e Universidades uma vez que cerca de 60% dos profissionais de Educação Física acabam na rede escolar?

Prof. Guilmar: Tenho visto esta questão com pesar, porque, até há pouco tempo o que existia era tão somente a licenciatura em Educação Física. E é óbvio, claro, licenciatura significa preparar recursos humanos para atuar na escola. Acho que 60% é pouco, teria que ser 100%. Todos os profissionais teriam de acabar na escola, ou será que não há lugar para todos? Assim sendo, tenho claro que a Educação Física Escolar teria de ser a essência, porque o curso é de licenciatura. Por várias razões, saímos disso e quisemos, com o mesmo curso, abraçar tudo: preparar o aluno para ser tomador de conta de criança, recreacionista, treinador de futebol, treinador de basquetebol. A essência é esta. A Educação Física Escolar, em curso de licenciatura, é só isso mesmo: preparar para atuar na escola. Historicamente, nós entendemos que é uma evolução da área.

Platéia: Se existe um curso técnico de Educação Física de segundo grau no Colégio Radial, aqui de São Paulo, onde este profissional atua? Seria parecido com o bacharel em Educação Física, qual a diferença?

Trago uma preocupação clara: vejo este bacharel em Esporte de hoje, este bacharel em Educação Física de hoje, este licenciado em Educação Física de hoje, daqui a muito pouco tempo, como um processo dinâmico e em mudança.

Vejo daqui a pouco uma preocupação com o estudo do movimento humano, que é muito amplo, e que não é só da área de Educação Física. Agora, por que a importância de se estudar o Esporte? Alguém já perguntou isso antes, trazendo o eixo do porquê do bacharelado em Esporte. Já tentei dizer que é um fenômeno importantíssimo e que merece ser estudado. Agora, por quem ser estudado? Pode ser pela Antropologia, pode ser pela Sociologia. A alguém cabe a coordenação deste estudo. E novamente cabe à Universidade ousar, e nós estamos ousando. Estamos dizendo: vamos estudar este Esporte mas com uma visão clara que isto não é de domínio nosso. Vejo preocupação em dizer que o Esporte tem como raiz o movimento. Já passamos, pelo pouco que se estudou o Esporte, a questionar se realmente o Esporte tem em sua raiz o movimento. Várias definições sociológicas do Esporte trazem como principal elemento o movimento humano, e temos claro hoje que algumas coisas estão ocorrendo dentro do senso comum e do conceito de Esporte mostrando que o Esporte já tem coisas a ver sem o movimento e tem coisas a ver sem o próprio ser humano. "Atirar anão à distância" vai entrar onde neste conceito de Esporte? Temos agora uma nova modalidade esportiva para os Jogos Olímpicos de Barcelona, que é subir em parede. As pessoas vão ter de subir em parede o mais rápido possível. Temos um evento esportivo no Paraná onde os cavalos correm em linha reta não mais com o jóquei, mas com um galo em cima dele batendo com as asas para que o cavalo corra. Nós temos claro que, na problemática antropológica do jogo, o jogar passa para Esporte em algum determinado momento. Vemos que "o pulo do sapo" tirou fora o ser humano e já se define como Esporte: o sapo que pula mais distante. Isso tem competição, treinador de sapo envolvendo dinheiro, prêmio, tem todas essas coisas. Temos um outro momento de esclarecimento importante, e isso é que digo: o bacharel em Esporte vai entender do Esporte e não vai necessariamente treinar jogador não. Isso é uma outra parcela da idéia do bacharel em Esporte. Novamente, fugindo da característica principal de idéia do movimento, temos claro neste país que o CND registra o "xadrez" como Esporte. Posso jogar xadrez sem essa idéia de movimento expressivo observável. Falando tão somente, e se alguém disser que falar também é movimento, até acredito que sim, posso colocar algum artifício eletrônico, e movimentar peças do xadrez sem falar também. Alguém vem falar que o movimento intracelular também é considerado como elemento de caracterização do Esporte. Então por aí ficamos nos perdendo. A questão do movimento é essa. E a questão do movimento também sem o ser humano é senso comum para ser usado como exemplo. Em Sorocaba, há uma Sociedade Esportiva de Pombo-Correio e a reportagem sobre isso num jornal, está na sessão de Esporte. Eu e o Prof. Wagner temos um pombal; ele tem um e eu tenho outro. Saímos de Piracicaba, vamos a Angatuba, colocamos nossos pombais lá. Talvez aqui o movimento do Esporte seja abrir a portinha do pombal. Todos os pombos saem voando e o primeiro pombo a chegar em Piracicaba é o vencedor da competição. E isso em prol de uma Sociedade Esportiva de Pombo-Correio. É essa idéia que vejo como indispensável: a necessidade de melhor estudar este fenômeno - o Esporte.

Platéia: O secundarista que tem uma visão do que seja Educação Física - afinal nem nós a temos - saberia optar entre o bacharelado em Educação Física ou Esporte? Quanto à licenciatura, não corremos o risco de estar formando um curso fantasma e aí não estaríamos formando ninguém? Como motivar o aluno a estudar cinco anos em período integral e depois receber salário de professor?

Prof. Guilmar: No primeiro momento, vejo a distinção clara entre o bacharelado em Educação Física e o bacharelado em Esporte. Isso foi pensado, isso foi discutido e a opção foi a seguinte: são duas carreiras distintas. O candidato, ao inscrever-se no vestibular, já faz a opção por uma ou outra carreira. Temos consciência de que ainda vamos conviver com este problema. Aprovados os cursos, a nível do Conselho Universitário, temos como dever, esclarecer à comunidade o que significam esses cursos: o bacharelado em Educação Física e o bacharelado em Esporte. Vamos conviver com isso e estamos tentando e discutindo várias alternativas para melhor oferecer esse esclarecimento. Quanto à licenciatura, do curso fantasma, formar ninguém, cinco anos, e receber salário de professor, vejo que são ações paralelas e vejo que novamente a Universidade ousa. E, novamente, não irresponsavelmente; quero dizer, ousar tem até este perigo de ser irresponsável. A idéia não é esta. A idéia é ousar e andar em várias

direções. Eu acredito que ficar reclamando de salário de professor não leva a nada. A idéia nossa é formar um profissional bem preparado, indo de encontro a várias frentes, inclusive esta do salário. Se a sociedade não der valor ao professor, ele não vai ter bom salário mesmo. Será que tal procedimento exclui aquela preocupação? Acreditamos que não. Nós procuramos fazer isto sem exclusão, mas estando alerta para isso também. Não é de uma hora para outra que vou fazer com que o Governador acredite que ser professor é algo digno e respeitável. Será que a escola está sendo uma prioridade? Vejo que em cinco anos, conseguimos formar alguém entendendo de escola. Só sinto que vai ser lento o processo e que só isso não será suficiente para o resgate dessa dignidade que conclamamos. Dignidade esta relacionada com a competência que hoje é questionada sim. Acho que até parte da sociedade tem direito de questionar esta competência do professor.

Platéia: Levando em consideração que a USP é um órgão público, e aquele compromisso da Universidade pública é com o que é público, dizer que quem não desejar se submeter ao que uma parcela da EEFUSP acreditar como certo, poderá se dirigir a outra Universidade ou Faculdade de Educação Física, não é colocar-se como donos de algo que deveria ser debatido em âmbito da sociedade interessada como um todo?

Prof. Guilmar: Acredito no movimento democrático, que uma parcela desta EEFUSP acredita também como certo; do contrário, continuamos a não acreditar em democracia. Isto assim ocorre, uma vez que esta Escola de Educação Física com 51% contra 49% (9 votos contra 8) assim decidiu, e hoje tenho colegas, que naquela oportunidade votaram contra esta proposta, totalmente engajados no processo. Nisso eu acredito. Em relação a donos de algo que deveria ser debatido em âmbito da Universidade, tais debates ou estratégias às vezes são impossíveis de serem colocadas em prática de imediato. Não posso parar a Universidade hoje e perguntar para todo mundo como deve ser feito o processo decisório. Temos claro que é melhor do que era. Temos esta visão muito bem colocada e fundamentada através de várias evidências. Coloco isto claro: não dá para parar. Estamos continuamente refletindo sobre o processo de mudança. Não é colocar alguém como dono da verdade, na própria Universidade. Mesmo assim você diria: mas experimentar com "cobaias humanas" é muito perigoso. Infelizmente, a nível educacional, as coisas têm andado desta forma. Essa idéia de querer achar que na coisa pública não se deve submeter ao que uma parcela da USP acredita, vejo que foi uma posição politicamente adotada, e não é irresponsabilidade não. Temos claros os problemas que irão acontecer, mas vocês vão falar: de intenção o inferno está cheio. Mas temos esse compromisso para responder a quem vier para cá. A votação, em termos de divisão de dois grupos, mostra uma evolução. A própria discussão mais aprofundada do assunto leva a uma outra posição e melhor entendimento da questão.

Platéia: Qual a importância de fazer chamada nas aulas de Educação Física para a formação do profissional de Educação Física? É por aí mesmo?

Prof. Guilmar: É a questão de não entender a Universidade ou qual é a missão da Universidade. As pessoas interpretam mal uma orientação, neste sentido, de uma autoridade dirigente. Não foi buscando um controle rigoroso de quem vem à aula e de quem não vem. Um autor italiano coloca que "um aluno deveria vir à Universidade por amor ao saber". Entendemos que este amor ao saber, hoje, em nossa situação, não é tão claro assim. Agora esta importância de fazer chamada para a aula é simplesmente um artifício que alguém utilizou como estratégia administrativa. Acredito que professor que entende de Universidade pode nem fazer chamada em sua aula. Tenho há cinco anos utilizado uma estratégia que precisei mudar estruturalmente porque alguém pede que faça chamada em minhas aulas, a partir de hoje. Nunca fiz chamada em minhas aulas e tive orgulho de ver aluno se auto-reprovando no processo de avaliação; este é o compromisso que tenho. Não posso, por isso mudar a opinião de pessoas de um momento para o outro, para não fazer chamada em aulas do Curso de Graduação em Educação Física. Quero ver, daqui a pouco, o próprio professor de Educação Física na sua ação, no seu trabalho, tratar com esta questão. Não é por aí mesmo, mas em determinados momentos, em uma Universidade como esta, alguém pensa que fazer chamada é importante. Na opinião de quem sai por aí com uma determinação dessas, não está por trás o controle; não está por trás que o aluno é um agente que vai burlar o sistema. No entanto, ele vai burlar sim; mas ele busca a burla em função da própria incompetência do docente do ensino superior. Isso eu assumo. Tenho de ser

competente naquilo que faço. Tenho de motivar cem alunos a vir à aula sim; agora, se eles não vem à aula, reconheço que por muitas razões posso ser o responsável por isso, porque posso permitir aquele pacto - o aluno vai fingir que aprende e vou fingir que ensino, e estamos conversados. Assumo também, em muitos momentos, a não competência para motivar o aluno a vir à aula às 7:30 horas, e sair da aula às 8:20 horas e mais, trazer cadernos e fazer anotações, porque alguns nem isso fazem.